

COTIDIANO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: A RITMANÁLISE COMO PROPOSTA

EVERYDAY LIFE IN THE PRODUCTION SPACE: RHYTHMANALYSIS AS A PROPOSAL

LA VIDA COTIDIANA EN LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO: RITMÁNÁLISIS COMO PROPUESTA

*Hemily Sued Alves Costa*¹

Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí (GO), Brasil

*Dimas Peixinho*²

Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí (GO), Brasil

Resumo: A Ritmanálise, apresentada como a compreensão dos ritmos da vida, mediante o entendimento da dialética das durações, vai sendo apresentada como um método-teoria possível de interpretar a modernidade que em Henri Lefebvre traz elementos que são tratados como abstratos, mas que faz parte da materialidade da realidade por meio do cotidiano, visto como o fio condutor da compreensão da vida. O cotidiano está em constante evolução, é nele que está introduzido os gestos, hábitos, discursos, projeto políticos. É no cotidiano que se dá produção do espaço pelo homem sensível, artístico e cultural.

Palavras-chave: Produção do Espaço; Ritmanálise; Cotidiano; Henri Lefebvre.

Abstract:

Ritmananalysis, presented as the understanding of the rhythms of life, through the understanding of the dialectic of durations, is being presented as a possible method-theory of interpreting the modernity that, in Henri Lefebvre, brings elements that are treated as abstract, but that is part of the materiality of reality through everyday life, seen as the guiding thread for understanding life. It is constantly evolving, it is where gestures, habits, speeches, political projects are introduced. It is in everyday life that space is produced by sensitive, artistic and cultural men

Keywords: Production space; Rhythmanalysis; Everyday Life; Henri Lefebvre.

Resumen: El análisis de Ritman, presentado como la comprensión de los ritmos de la vida, a través de la comprensión de la dialéctica de las duraciones, se presenta como un posible método-teoría de interpretación de la modernidad que, en Henri Lefebvre, trae elementos que son tratados como abstractos, pero que forma parte de la materialidad de la realidad a través de la cotidianidad, vista como el hilo conductor para entender la vida. Está en constante evolución, es donde se introducen gestos, hábitos, discursos, proyectos políticos. Es en la vida cotidiana que el espacio es producido por hombres sensibles, artísticos y culturales.

Palabras Clave: Producción del Espacio; Ritmánalisis; Cotidiano; Henri Lefebvre.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí (UFJ). E-mail: hemily.costa@discente.ufj.edu.br

² Doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal de Jataí (UFJ). E-mail: dimas_peixinho@ufj.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Considerando a modernidade e seus aspectos contraditórios, se apresenta novas propostas teóricas que contemplem as problemáticas atuais, trazendo para o debate elementos discursivos do método-teoria da Ritmanálise, que se desenvolve em torno de uma análise que compreenda o cotidiano na produção do espaço, uma vez que adentrar para questões da sustentação do método-teoria ainda é uma busca árdua.

O que se discorre no presente trabalho é uma fundamentação teórica que se faz com base na concepção de ritmos que se baseia na crítica marxista que percebe a transformação da natureza pelo trabalho humano. Os ritmos consistem de acordo Portela (2016) numa possibilidade de desvendar a lógica dos processos naturais e socioeconômicos na produção do espaço sem se restringir ao caráter planejado de sua produção.

A perspectiva da produção do espaço por meio do entendimento dos ritmos está calcada na Ritmanálise definida em Tarifa (2002 *apud* Lefebvre, 1992) como método e teoria, que persegue esse duro trabalho milenar de entender polirritmias dos corpos, do espaço (físico, biológico, humano e social), de modo sistemático e teórico, agrupando práticas muito diversas e de saberes muito diferentes.

Há por meio desse método-teoria apresentado a possibilidade de desvendar as relações do homem social em seu cotidiano, valores, desejos e aspirações, como a supressão destes pelos interesses e discursos do Estado e suas instituições. Preza-se a vida contida neste espaço, Lefebvre (2006) destaca que na busca por compreender o espaço não se pode pautar apenas em como está sendo concebido, vazio, passivo ou como produto a ser trocado com tendência a desaparecer.

O que torna essa perspectiva singular não é só a produção do espaço pelas suas novidades, mas também permitir ao próprio pesquisador (ritmanalista) se inserir na pesquisa. De modo que, as percepções deste são vistas como uma fonte do conhecimento científico considerando a relação do mesmo com seu objeto. O espaço não se faz produzido por outros o pesquisador está nele e o sente e dessa vivência percebe as novidades contidas nele.

2. A RITMANÁLISE

2.1. *Os Conceitos Lefebvrianos no Entendimento do Mundo Moderno*

Resultante da falida tentativa de fragmentar a realidade, considerando claramente o valor produtivo de um para o outro. Em contrapartida, abandonando a importância da interação de ambos na construção histórica e material da sociedade.

Fragmentado, o mundo, que nesse contexto, trata-se de uma explicitação generalizada da sociedade, é visto destruído e em crise em toda a sua organicidade, Nasser e Fumagalli (1996), descreve claramente essa perspectiva, ao que elas denominam de “mundo às avessas”, visto como:

o mundo marcado pela destruição da natureza (aí incluída a humanidade no humano), pela crise das instituições políticas, pelo esgotamento da religião, pela separação inconciliável entre filosofia, ciência e arte, pelo isolamento das ciências parcelares, pela corrosão das particularidades, pela emergência de novas necessidades sociais (como, por exemplo, as necessidades urbanas), pelas decepções e frustrações do consumidor, pela automotização crescente, pela aguda especialização da divisão do trabalho, pelo aprisionamento do desejo, do sonho, da vida. (Nasser e Fumagalli, 1996, p.25).

Embora ocorra toda essa partilha do essencial, realizada intencionalmente pela dominação do modelo de produção em vigência, numa instauração, dá já descrita, destruição, crise e frustração da sociedade. É certo que a realidade não se dá nesses moldes, o real é histórico, é social, logo ao tratarmos natureza, homem e o produto advindo de ambos, os vemos integrados.

E impregnados do interesse dos homens, em dominar o conhecimento para apropriar-se das partes que compõem o todo, para exercer seu controle, o poder. Construindo a oposição ao próprio mundo humano, como expõe castanho (1996), gerando assim um movimento, esse quando se opõe a outro movimento, gera contradições, a dialética.

Que na concepção moderna, como afirma Konder (2008), trata-se de pensarmos as contradições ou compreendermos a realidade. No entanto se o caráter da dialética se faz pela contradição dos movimentos que compõem a realidade. Esses movimentos necessitam ter suas feições e atributos discutidos, pois estão atreladas as relações sociais.

Cabe primeiramente explicitar o que é o movimento dentro do pensamento social. Desde os anos 300 a.C, Aristóteles o definia como a expressão contida nas coisas, suas potencialidades e as possibilidades que as mesmas dão, de modo que estão continuamente se transformando, logo se atualizando.

Essas “coisas” que contém o movimento é a própria matéria, e dentro do pensamento materialista “o movimento é uma forma de existência, uma forma de ser da matéria. O movimento é uma propriedade inerente à matéria. Não há matéria sem movimento, ela só existe em movimento” Garcia (1993, p.37). Dessa forma as mudanças nos objetos são contínuas, sendo a dialética, essas contradições, em movimento.

O marxismo na sua busca por uma superação científica adentra ao mundo moderno, entendido pela superação dos moldes industriais contidos na sua gênese. Mas no momento de acumulação financeira sem fronteiras, onde a especialização do trabalho e as intervenções nos modos de vida se dão em contextos internacionais, numa constante busca de padronização do ser, pelo consumo.

Nesse contexto ganha destaque dentro do pensamento marxista as proposições elaboradas por Henri Lefebvre, que como coloca Soto (2013), trata-se de uma contemplação deste pensamento um século após seu surgimento. Em Lefebvre encontra-se o confronto das próprias experiências e teorias que buscam explicar o mundo. Para este pensador há um novo, no campo do materialismo, e o caráter contraditório deste está na própria teoria que o desenvolve.

Embora os conceitos lefebvrianos não tenham sido compreendidos em sua plenitude, estes tem obtido destaque nas últimas décadas dada as grandes possibilidades de compreensão do real. A crítica marxista ao capitalismo em seu modo de produção contemplava as lutas de classes, sendo a problemática um tratado filosófico, uma abordagem constante do homem com sua produção material.

Mas em Lefebvre a uma inserção do sensível a produção material do homem, não se trata de observar as relações estreitas existentes entre o homem e sua obra ou com as instituições e suas normas. Abre-se a percepção para o homem artístico e cultural, aquele que em seu processo dialético tem-se perdido na própria matéria, tendo consciência da sua produção, porém se ausentando daquela, no modo como os produtos os atingem.

A esta atualização da teoria marxista, traz um pensamento social moderno, no sentido de compreender as transformações mais profundas ocorridas nas sociedades. Afinal, o atual momento carece de uma percepção clara da noção das relações sociais, dada ao esquecimento das mesmas pelos seguidores de Marx, que no transcorrer do último século mantiveram-se crentes que o capitalismo se transcorreria num mecanismo “automático”, acreditando no inevitável fim deste modo de produção.

Marx enquanto formulador e idealizador do materialismo dialético é posto por Lefebvre como um “personagem, pensador, homem de luta, de incertezas e não de certezas” Martins (1996, p.14). Aportando numa formação teórica, onde o marxismo não é tido como acabado e concluído, e sim capaz de ser aprimorado, de modo que para não ser comumente confundida com outros marxistas, a crítica ao pensamento materialista, passa a ser denominada pelo o autor de pensamento marxiano.

Nessa busca por um aperfeiçoamento ou até mesmo adequação da teoria marxista as repercussões do mundo moderno, ocorre um aprimoramento da dialética. Onde a mesma, deixa de ser vista como binária, contraditória, e passa a ser concebida por uma perspectiva tridimensional. Isso decorre do fato do pensamento marxiano, caminharem em vários sentidos, Schmid (2012) aponta que as ideias lefebvrianas decorrem da fusão de Hegel, Marx e Nietzsche.

Postura essa, a princípio inexecutável, mas prossigamos na buscar por esclarecer. O mesmo autor demonstra essa tridimensionalidade na forma do humano conceber o mundo, o espaço que o circunda. Em Lefebvre, baseado em Nietzsche as produções possuem um caráter lúdico, um significado, em Hegel a essência do ser, uma concepção, em Marx a materialização das relações, a produção. O marxismo nesse novo contexto considera a produção sem abrir mão da natureza do indivíduo e dos seus simbolismos habituais.

A materialização das relações é entendida mediante a própria produção do espaço, saindo do campo puramente filosófico. Tendo com isso um espaço da contradição do pensamento social, o da ação social e o criativo e poético. Sendo respectivamente abordados como “espaço percebido”, “espaço concebido” e “espaço vivido”. Estando a tríade interligada, pela prática espacial com a representação do espaço juntamente com o espaço de representação.

A dialética se constrói mediante a compreensão de que o real caminha primeiramente por uma prática social, de simultâneas atividades, numa extensa rede de interação e comunicação. Tudo está apreendido pelos sentidos, em suas mais diversas materializações. Por meio desta que se constrói a relação social visível, palpável, em que se dão os elementos do espaço, que o torna prático.

2.2. *Os Ritmos e a Vida Cotidiana*

Os fenômenos, sejam eles de natureza física ou socioeconômica expressam ritmos que demonstram “a possibilidade de ligação entre os “fenômenos naturais” e fenômenos humanos integrado numa dialética de durações” (Tarifa, p.72, 2002) onde se entende que os “fenômenos naturais” são ritmos físicos e biológicos que possuem tempos cíclicos que dentro de suas temporalidades repetem-se e nessa dialética do retorno apresentam pequenas mudanças, não compondo assim um círculo vicioso.

Os fenômenos humanos compõem os ritmos sociais que por sua vez possuem uma temporalidade linear, muitas vezes apresentados como tempos parciais de uma duração curta, outrora prolongada, todavia passível de rupturas imediatas por questões abstratas ao seu tempo. As interações dialéticas desses ritmos numa determinada área expressam uma totalidade apontando a construção e a natureza deste espaço.

Os ritmos não devem ser confundidos com mera repetitividade, Silva; Silva (2014) pede cautela em relação tal posicionamento, pois aponta os ritmos como forma de entendimento da produção do espaço que é composto de atividades repetitivas, mas também de novidades. Essa por sua vez provém da vida cotidiana, ou seja, os fatos que constituem os produtores do espaço.

Lefebvre (1991), principal teórico em defesa do homem como um ser cotidiano ou do cotidiano aponta que nas coisas de pouca aparência ou expressão que se tem atingindo as grandes descobertas e contribuições à ciência. Por meio dos ritmos tem-se o novo, porque nele está contido o “Aqui e o Agora!”, de modo que o espaço é produzido no devir do viver ou sobreviver do ganhar ou deixar de ganhar a vida.

À medida que as organizações vão buscando organizar o espaço pela introdução de gestos, hábitos induzidos por discursos projetos e políticas estão coexistindo com isso também o cotidiano dos grupos, da sociedade, desde as manifestações simples as

mais significativas, todo esse coabitar ações levam a produção de determinados espaços. No atual contexto da sociedade moderna o que vem ocorrendo com os espaços a nível mundial é a integração e desintegração do nacional e do local, Lefebvre (2006). Um reflexo da produção capitalista que vem buscando de diversas formas e com grandes esforços tornar os espaços racionais, otimizados, concentrado e centralizado em torno da produção econômica e desejos políticos, acirrando os conflitos e ampliando o seu caráter contraditório.

Schmid (2012) ressalta essa busca por compreender a produção do espaço pelos seus ritmos salientando o mesmo como um produto social que não deve ser tratado como uma realidade independente que existe em si, mas como um espaço da simultaneidade da realidade social em constante evolução. E tanto essa simultaneidade como essa evolução não são condições materiais, em Lefebvre (1991) ambos se integram a prática social e são produtos sociais.

Partindo dessa concepção busca-se construir o corpo dessa discussão que visa entender a produção do espaço por meio dos ritmos existentes no cotidiano, e, conforme Silva (1981), como as transformações nas relações sociais e de trabalho na produção, compreendido no quesito “como se produz e de que forma se produz”

2.3. Os Ritmos e a Produção do Espaço

A materialização das relações é entendida mediante a própria produção do espaço, saindo do campo puramente filosófico. Tendo com isso um espaço da contradição do pensamento social, o da ação social e o criativo e poético, sendo respectivamente abordados como “espaço percebido”, “espaço concebido” e “espaço vivido”. Estando a tríade interligada, pela prática espacial com a representação do espaço juntamente com o espaço de representação.

A dialética se constrói mediante a compreensão de que o real caminha primeiramente por uma prática social, de simultâneas atividades, numa extensa rede de interação e comunicação. Tudo está apreendido pelos sentidos, em suas mais diversas materializações. Por meio desta que se constrói a relação social visível, palpável, em que se dão os elementos do espaço, que o torna prático.

Simultâneo ao primeiro, temos em segundo plano, a representação deste espaço, entendido pela imagem, aquilo construído ideologicamente. Interpretado como o organizador do anterior, por meio dele se constrói os discursos e se incorpora a filosofia e se sustenta a ciência. Estando no plano da produção do pensamento e da materialização previamente percebido, sendo o espaço criado.

A fim de complementar as duas formulações, encerramos a apresentação mais inovadora ao pensamento marxista, o espaço representado. Neste Lefebvre valoriza os aspectos da linguagem discutida em Nietzsche. O espaço adquire também seu caráter simbólico, nele se encerra o divino, o artefato, as construções e as paisagens. Nele reside a experiência e o vivido, diferentemente do prático primeiro, este se apresenta prático a vida cotidiana, as experiências individuais de cada sociedade.

As proposições de Lefebvre concebem os homens em seus desejos e sensibilidades; em suas ideologias e atividades práticas. E a contradição gerida pela dialética se constrói além da interpretação histórica, está no movimento suprassussor, onde reside o indefinido. Na tríade lefebvriana, não há uma conformação de dois opostos, mas o afloramento de um terceiro, estando sempre dois a se opor a um.

No pensamento marxiano parte da crítica radical a Hegel, na prática social de Marx e na arte de Nietzsche, Schmid apud Lefebvre (1991), seu desenvolvimento tridimensional obtém maior clareza quando se absorve que:

A prática social material tomada como ponto de partida da vida e da análise constitui o primeiro momento. Ela permanece em contradição com o segundo momento: conhecimento, linguagem e palavra escrita, compreendidos por Lefebvre como abstração, como poder concreto e como compulsão e constrangimento. O terceiro momento envolve poesia e desejo como formas de transcendência que ajudam o devir a prevalecer sobre a morte. (Schmid, 2012, p.95).

O movimento da dialética tem modificações nas esferas da produção, da linguagem do homem e de seu espaço. Não se tratando de três sociedades ou espaços, mas de três movimentos interconectados. Sendo uma medida na retomada da integração dos conjuntos responsáveis pela apreensão total de um determinado fato. Numa possível cisão de pensamento, natureza, teoria e prática social.

Tendo em vista que o mundo moderno carece de tal restituição, ao passo de que os indivíduos estão presos entre o seu concebido e vivido como aponta Martins (1996). Possuem certa unidade cultural, mas estão regidos por um pensamento particular, ao

que Lefebvre de acordo Schmid (2012), aponta como homens produtores, perdidos em seu produto, regulados em suas ações e relações.

Que no transcorrer da história, se exacerbou em suas mediações na produção e troca material, de modo que tais materializações se tornaram abstratas aos próprios indivíduos. Atingindo um nível mundial, já que o mercado extinguiu com suas divisas e fronteiras, e aprimorou seus mecanismos de comunicação. Ao ponto que “o ato criador do homem deve passar através das formas, das representações e das aparências, a fim de superar o presente e conquistar o possível” (Oliveira e Moraes, 1996, p.107).

Afinal, o mundo moderno é espaço da mercadoria, e os desencontros entre o real e o possível se ampliam numa carência não mais material, mas de natureza humana. O indivíduo se vê preso, limitado, reduzido, capturado em sua esfera de relações. Por ter perdido a noção das origens diferenciadas de suas relações, carecendo de uma práxis harmoniosa, coerente. Que pode ser atingida na compreensão da vida cotidiana.

Os fenômenos sociais são diferentes dada as relações desiguais dos indivíduos e isso decorre do fator que os origina. Então se questiona o porquê dessa diferença numa sociedade global, padronizada pelo mercado de consumo. Onde reside o “desequilíbrio” social? Lefebvre aponta o cotidiano, como o quesito ausente nesta análise.

Sem a trama da vida cotidiana, não podemos pensar em produção do espaço. Ou então, um espaço sem essa trama representa um espaço vazio, portanto, sem vida. Aqui se faz valer a opção pelo objeto e campo de estudo que parta dos microobjetos. Nenhum lugar, por menor que seja, pode existir sem a trama da vida cotidiana. É aí que os fatos se renovam e, no sentido mais profundo, a vida cotidiana é também a renovação da própria vida. (Silva e Silva, 2014, p.170).

A vida cotidiana apresenta-se como o movimento, que neste sentido, promove as transformações das formas pela existência humana. Remete ao pensamento marxista e sua construção teórica, difundida como o abstrato ou consequência das produções materiais. Culminando numa percepção sobre o material e suas entidades, porém se privando da compreensão da sua essência e incidências na realidade humana, Lefebvre (1991) realiza esse paralelo:

Em face disso, ainda que continuemos ingenuamente filosóficos, o homem cotidiano se mostra perdido: entravado, preso por mil laços, às voltas com mil probleminhas minúsculos. Ao mesmo tempo, conforme a ocasião, ele pode arriscar; sabe ganhar e perder. A certeza de que o filósofo procura nada tem de comum com a segurança sonhada pelo homem cotidiano; a aventura filosófica não corre perigo algum, além dos espirituais. O filósofo procura se

fechar na sua especulação e não consegue. O homem cotidiano se fecha em suas propriedades seus bens e suas satisfações, e às vezes se arrepende. Ele está ou parece estar mais próximo da natureza do que o sujeito da reflexão ou da cultura. (Lefebvre, 1991, p23)

Neste propósito, o pensamento marxiano, não se limita apenas no concreto e acabado. Enreda a isto o trivial e o banal, o que é corriqueiro possui valor, existe um motivo para que seja comum. Essa crítica aponta que embora a vida cotidiana não esteja sendo visada no campo filosófico, a mesma tem sido ao longo da história do modo de produção capitalista, apropriada e alterada e integrada aos interesses econômicos.

O entendimento da produção material humana carece de reconhecer que a humanidade vive o agora, é aqui, no momento que ela sofre, sobrevive, disputa, ganha, comemora. E, Apesar dos desejos e paixões serem momentâneos, as suas ações não são. E são dessas que se incubem as instituições, o mercado e o Estado em controlar, moldar e impor.

Por meio da vida cotidiana que se promove a alienação social, tornando os indivíduos passivos e infelizes. A tal ponto que a vida cotidiana no mundo moderno se tornou estéril. A produção do espaço parte de um viés complexo de compreensão, sobretudo pelo caráter planejado a ele atribuído, onde o mesmo está como produto social apropriado pelo pensamento e este o modela, planeja e é ordenado, tornando-se abstrato.

A produção do espaço por meio dos conceitos lefebvrianos, leva a uma superação do olhar restrito apenas a sua produção pela produção, pois essa consiste na identidade do pensamento marxiano, que não se permite isolar numa camada ou perspectiva. E como levantado anteriormente, a realidade carece de um olhar sobre o cotidiano, de onde se extrai os ritmos naturais e sociais.

Marx discorre sua teoria baseado no trabalho e as relações provenientes dele. Seu jogo e discurso, sua organização e produção, seu caráter criador e modelador, assim a realidade está como histórica. Em Lefebvre (1991), o questionamento supera a explicação do sentido histórico, questiona o seu não sentido, seus absurdos, entraves. Nesta ausência de sentido, dissimula também a realidade, pois nisto reside também uma serventia a análise e produção do espaço.

As relações de produção do espaço embora tenham seu traço histórico, tem neste a inovação, “porque é o desencontro das temporalidades dessas relações que faz de uma relação social em oposição à outra a indicação de que um possível está adiante do real

realizado” (Martins, 1996, p.22), de modo que todas as relações, em seu costume diário transpõe um novo, porque as coisas e as pessoas não podem ser pensadas e concebidas de forma absoluta.

Destaca-se que o entendimento da produção do espaço carece de romper com os projetos que interdita a “transformação do mundo”, no seu exercício evidente de separar o fútil e o sério, apartando, de acordo Lefebvre (1991, p.19), o “Ser, a Profundez, a Substância e, de outro, os fenômenos, o superficial”, abandonando o teor das manifestações.

Neste sentido, percorre-se para uma perspectiva do espaço com movimentos e tempos, com trivialidades:

[...]gestos nos trabalhos e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivens), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade etc. o estudo da atividade criadora (da produção no sentido mais amplo) conduz à análise da re-produção, isto é, das condições em que as atividades produtoras de objetos ou de obras se re-produzem elas mesmas, recomeçam, re-tomam seus elos constitutivos ou, ao contrário, se transformam por modificações graduais ou por saltos. (Lefebvre, 1991, p.24).

De espaço concebido, horizontalizado comprável, negociável, de valor de troca. Coexiste aquele espaço vivido, das experiências, dos sentimentos, do apego, da festa, do sustento, do valor de uso. Que estão todos ali percebidos, pelas muitas relações, mas insistentemente corrompidas na conservação de seu valor de troca. Não se trata mais de um espaço considerado superestrutura de forças produtivas, de divisão do trabalho, da propriedade, baseado no duplo aspecto da vida do trabalhador em sua atividade produtora e de desencantos.

O espaço se faz social e escapa a classificações, planos e hierarquização, pois não se faz apropriado puramente pelo modo de produção, mas intervém nele, coordenando-o em sua prática. Desconsiderar todo o enredo da produção do espaço é abrir mão das interações dos ritmos que ele compõe. Deixa à mercê à realidade proveniente da cotidianidade, que incide no acirramento das muitas problemáticas que envolvem os indivíduos em suas significações, vivências e relações. Cabendo ter maior clareza sobre a produção do espaço,

Lefebvre (2006, p.7) aponta como o mesmo se dá atualmente:

Em nome da modernidade. O espaço da modernidade tem características precisas, homogeneidade-fragmentação-hierarquização. Ele tende para o homogêneo por diversas razões: fabricação de elementos e materiais – exigências análogas e intervenientes -, métodos de gestão e de controle, de vigilância e de comunicação. Homogeneidade, mas não de plano, nem de projetos. De falsos “conjuntos”, de fato, isolados. Pois paradoxalmente (ainda) esse espaço homogêneo se fragmenta: lotes, parcelas. Em pedaços! O que produz guetos isolados[...] uma curiosa lógica desse espaço predomina: que ele se vincula ilusoriamente à informatização e oculta, sob sua homogeneidade, as relações “reais” e os conflitos. Além disso, parece que essa lei ou esse esquema do espaço com sua lógica (homogeneidade-fragmentação-hierarquização) tomou um alcance maior e atingiu uma espécie de generalidade, com efeitos análogos, no saber, na cultura, no funcionamento da sociedade inteira.

Todavia, essa produção espacial tem um pensamento que a estimula, numa constante expressão de unir, igualar, de tornar o “desorganizado” em ordenado. Numa conduta aparente pela harmonia em sua produção, sobretudo numa fala de valorização dos indivíduos em suas individualidades. Mas o que se apreende é uma baixa efetividade dessa formulação, e ao contrário do que seu discurso propaga ocorre um enclausuramento social, desconsiderando os ritmos socioeconômico contidos no espaço.

O ritmo é encontrado em Moreaux (2013), como algo a obter sentido no saber na criação, que por meio dele extrai e vislumbra o vivido. E o entendimento dele torna possível à transformação do cotidiano, sendo o fio condutor do conhecimento da realidade em seus diversos níveis, trilhando meios desde o Estado ao uso e apropriação da técnica até a própria cultura e a sua decomposição.

Não se trata em atentar para a supressão das necessidades biológicas dos indivíduos pela sua inserção no mercado de, neste sentido Lefebvre entende o ritmo a partir do próprio sujeito, onde ele considera a interação biológica, social e psicológica na composição do entendido como habitual. Estando no corpo o ponto do ritmo social, biológico e psicológico.

A partir dessa consciência do corpo, Lefebvre discorre no campo social, onde o ritmo biológico se insere nos aspectos inerentes ao desenvolvimento natural do corpo, em sua esfera fisiológica, aquilo que em sua normalidade caracteriza um corpo sadio. E sobre este ritmo relaciona-se o caráter mecanicista da produção capitalista, que se apropria da vida cotidiana. O que gera então uma discussão no campo social, sendo a produção do espaço percebida por meio da supressão dos ritmos biológicos e sociais, pela lógica do modo de produção capitalista.

Para compreender a importância dos ritmos na produção do espaço, se faz necessário apreender que o mesmo se embasa pela associação dos simbolismos, herdado por Nietzsche com a noção de produção advinda de Marx, Elden (2004). Juntamente a isso, absorver a importância do tempo:

O ritmo, para Lefebvre, é algo inseparável dos entendimentos do tempo, em particular a repetição. Encontra-se no funcionamento de nossas cidades, na vida urbana e no movimento pelo espaço. Da mesma forma, na colisão dos ritmos biológicos e sociais naturais, dos ritmos de nossos corpos e da sociedade, a análise dos ritmos proporciona uma visão privilegiada da questão da vida cotidiana. (Elden, 2004, p.VIII)

Na obra de Lefebvre, o tempo no seu aspecto concreto e abstrato, tendo as perspectivas similares ao do espaço percebido e vivido. Contrariando, o caráter do tempo histórico do marxismo, que se faz como produto num tratamento linear. Ele se divide em contíguo e descontínuo, “há cortes, mas não começos, descontinuidades, mas não fins. Há intervalos, mas sem atos nem acontecimentos propriamente ditos. Há lembranças e frases” Lefebvre (1991, p.16), que se incorporaram numa realidade única.

Em linhas gerais Marx se ateve a duplicidade da vida do trabalhador num capitalismo de livre concorrência, como aponta Lefebvre (1991). Enquanto que por meio da Ritmanálise na produção do espaço, vê-se aflorado na superfície a liberdade, as diferenças, possibilidades. Uma evidenciação do que resistiu, pelo corpo, desejo, tempo e espaço, e que como expõe Nasser e Fumagalli (1996), esses permanecem no seu movimento contínuo de transformação, ao serem apropriado.

Estando assim, os ritmos da vida cotidiana um achado a compreensão do mundo moderno, constitui numa contribuição a teoria marxista. Que prevalece enquanto perspectiva econômica e social, partindo da natureza econômica e a formação da sociedade, considerando as atividades sociais.

Por meio desta ampliação teórica do pensamento marxista, fica compreendido em Elden (2004), que onde tenha interação de um lugar com o um tempo num dispêndio de energia tem-se um ritmo e a interação dos mesmos produz o espaço. Determinado no constante retorno da sociedade na busca da essência do mesmo, numa resistência as imposições da produção, na restauração de sua cotidianidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos apontamentos discorridos fica proposta uma ampliação, ou melhor, contribuição teórica em torno das questões levantadas em torno da problemática que envolve o homem moderno em sua essência. Ao entender que a modernidade trouxe consigo uma avalanche de emoções e afazeres que precisam ser atendidos numa parcela cada vez menor de tempo, sendo o homem moderno o ser do aqui e agora.

Esse rompante de demandas sobre esse indivíduo tem levado o mesmo a romper com seus hábitos, seja em convívio social ou sobre a natureza, de modo que se entende que os ritmos estão rompidos. Assim a Ritmanálise, de influência lefebvriana reafirma a necessidade de estudos do cotidiano, pois permite a partir da mesma observar esses ritmos, como também a dialética dos mesmos. Permitindo avançar para ementas e pautas onde se enxerga outros atores sobre o fazer social, sobretudo do Estado que se utiliza da cotidianidade para controlar, moldar e impor, de modo que se chega aos complexos das relações sociais e essas na produção do espaço.

O entendimento da produção do espaço por meio da compreensão dos ritmos permite perceber as muitas atividades existentes nele e as manifestações materiais simultaneamente. Como também as ações e discursos das instituições governamentais e capitalistas na busca incessante por controlar, organizar e estruturar o mesmo. Abrindo ainda a possibilidade de sentir as contradições que essas relações criam frente aos desejos, a linguagem e valores sociais.

4. REFERÊNCIAS

CASTANHO, Sergio E.M. Atualidade do Método Dialético. *Revista de Educação*. PUCCAMP. Campinas. v 1, n1, p. 13-21. Agosto, 1996.

ELDEN, Stuart. *Rhythmanalysis: An Introduction*. In: Henri Lefebvre. Elements of rhythmanalysis. London: Continuum, 2004. p. vii-xv.

GARCIA, Maria Cristina. *A dialética materialista*. São Paulo: Ateniense, 1993.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense. 2008.

LEFEBVRE, Henri. *A Produção do espaço*. 4ª edição. Editora Paris: Editions Anthropos. 1ª versão, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Editora Ática: São Paulo, 1991.

MARTINS, José de Souza. *As temporalidades da História na dialética de Henri Lefebvre*. In: Henri Lefebvre e o Retorno á Dialética. Editora Hucitec: São Paulo, 1996. pp 13-25.

MOREAUX, Michel Philippe. *Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade*. Pontifícia Universidade Católica. Departamento de Geografia. Rio de Janeiro, 2013.

NASSER, Ana Cristina Arantes. FUMAGALLI, Marlene. *A opressão das equivalências diferenças* in: Henri Lefebvre e o Retorno á Dialética. Editora Hucitec: São Paulo, 1996. pp 25-39.

OLIVEIRA, Bernadete A. C. de Castro. MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *A teoria das formas em Lefebvre* in: Henri Lefebvre e o Retorno á Dialética. Editora Hucitec: São Paulo, 1996. pp 99-109.

SCHMID, Christian. *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção à uma dialética tridimensional*. GEOUSP – Espaço e tempo, São Paulo, nº2, pp. 89-109, 2012.

SILVA, Vicente de Paulo da. SILVA, Rene Gonçalves Serafim. *A Geografia e o estudo da vida cotidiana: um caminho para a compreensão do espaço. Caminhos da Geografia*. Ubatuba. V.15. n.50, Jun/2014, p.164-171

SOTO, P. Repensar las prácticas espaciales: rupturas y continuidades em la experiência cotidiana de mujeres urbanas de la ciudad de México. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v.4, n.2, p. 2-12, ago/dez 2013

TARIFA, José Roberto. Fundamentos e conceitos. In: TARIFA, José Roberto. *Os climas nos maciços litorâneos da Juréia-Itatins: um ensaio de ritmanálise*. 2002. f. Tese (Livre-Docência) - Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002. v. 1. Cap. 2.5. Disciplina Climatologia e Biogeografia.

Recebido em 18/09/2023

Aceito em 14/10/2023

Publicado em 26/01/2024